



Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade -

Associada ao programa de mestrado Profletras-UPE-Garanhuns -

aos grupos de pesquisa ARGILEA e DISCENS

ISSN: 2236-1499 - registro na Crossref, d.o.i.: 10.13115/2236-1499

Número Especial 18b – 03/2016 – Com artigos, resumos e comunicações do CONEAB-2015

DO CAFÉ AO PÓ – FICÇÃO DA DECADÊNCIA EM *LEITE DERRAMADO*, DE CHICO BUARQUE

Sarah Maria Forte Diogo (FAFIDAM/UECE)

1 Memórias ficcionais: o discurso e suas vastas feridas

O personagem Sr. Mersault de *O Estrangeiro* (1942) de Albert Camus afirma que apenas um dia em liberdade seria o bastante para preencher as recordações de um homem encarcerado. Ao pensarmos nessa passagem emblemática de *O Estrangeiro*, refletimos sobre os efeitos que as lembranças acumuladas ao longo de boa parte da nossa existência exercem sobre o presente que vivemos. A literatura, de um modo bem específico, é um discurso que capta lembranças e esquecimentos, procurando reformulá-los ficcionalmente, construindo mundos possíveis em que um dia, dois dias, quem sabe apenas uma hora, seriam suficientes para preencher memórias significativas, que se desdobram em ressonâncias infinitas.

A literatura dá forma à temporalidade. Para tanto, os artistas dispõem de uma série de dispositivos e recursos técnicos a fim de recortar em suas composições as fatias temporais a serem abordadas e, mais que isso, configuram o tempo de modo que o leitor possa senti-lo como um passado realizado, cujas marcas chegam ao presente da enunciação e interferem de maneira decisiva nos caminhos que o personagem da narrativa trilha. Ora, esse processo não ocorre apenas na arte, mas é uma releitura do que se desenrola em nossas próprias vidas: o passado influencia o presente, que influencia o passado, visto que lembramos o que queremos e também o que deveria ser esquecido para sempre. Porém, a ficção, a arte, vão além, pois trazem à tona a consciência do fluir do tempo, sua leveza, seu peso sobre nossa memória. Esta, por sua vez, é uma ficção cujo final está em suspenso. Ao sistematizar o real disperso, unir os fios de uma existência aparentemente sem sentido, a literatura nos possibilita a reconstrução da história, com suas contradições e paradoxos.

2 Ficção da decadência: um centro que se torna margem

No texto “Crítica e Sociologia”, constante em *Literatura e sociedade*, Antonio Candido, ao analisar o romance *Senhora*, de José de Alencar, propõe um modelo de análise que não observa o social como elemento externo à obra de arte, mas como fator esteticamente trabalhado e integrante da estrutura romanesca. Para Candido, o discurso literário mais que ser influenciado pela sociedade, é capaz de se apropriar dela, relê-la e assumir os dados sociais como componentes fundamentais de sua estrutura estética, denotando o íntimo e indissolúvel laço entre arte e vida social. Laço esse que não deve ser destrinchado pelo crítico, mas examinado. Vejamos o que diz Candido:

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da

própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, lingüísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo (CANDIDO, 2006, p.16)

Neste artigo, procuraremos examinar como os aspectos que apontam a ficcionalização da decadência de parte da elite brasileira do século XXI operam em *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque de Holanda, uma narrativa ficcional que conta a trajetória decadente da família Assumpção, sua inserção no Brasil, conquista de *status* social e econômico, conflitos e gradativa perda de capital e aura de superioridade e nobreza. A trama é urdida com base nas lembranças do personagem narrador. A partir de um turbilhão de lembranças, fragmentos, lapsos, o narrador costura os dados que lhe são mais pertinentes e fornece sua versão dos fatos. O leitor assiste a esse desfilar de aparentes desconexões para, gradativamente, lê-las como um posicionamento crítica elitista perante a sociedade.

De barões do café e nomes de destaque na política brasileira, a família Assumpção resume-se no presente da enunciação a três entes: um ancião, entrevado numa maca de um hospital público, sua filha idosa que vez ou outra lhe visita e seu bisneto traficante de cocaína. O discurso é em primeira pessoa, veiculado pelo narrador centenário, Eulálio d'Assumpção que, prostrado num hospital público, procura reconstruir sua memória, conferir sentido e justificativas para sua existência. Seu discurso confunde-se reiteradas vezes, abandonando-se nos abismos temporais abertos pela tentativa de apreender e sintetizar uma vida pela linguagem.

A linguagem tenta captar o passado do personagem, mas é possível notar que as lacunas produzidas funcionam como sulcos em terra aquosa: marcam uma ausência que é preenchida com fantasias, enganos e contradições. O leitor, diante desse texto, pode, a um primeiro momento, sentir-se desorientado com os caminhos que a narrativa aponta, seus aparentes fios soltos. No decorrer da leitura, porém, ele percebe que a sensação de esquecimento que o personagem manifesta, suas várias versões para o mesmo fato, suas solicitações, são fruto de uma mente atormentada tanto pela velhice quanto pela frustração de não ter triunfado na vida, de ter sido mais um Assumpção fracassado. Não há nenhum fio solto na composição, tudo que é narrado constrói um panorama da sociedade brasileira do século XIX ao século XXI, condensado em 23 compactos capítulos que podem ser lidos separadamente, sem prejuízo de compreensão ao leitor atento.

3 Leite derramado e sua elite problemática

As questões que *Leite Derramado* gera são inúmeras, uma delas é, por exemplo, o trabalho estético a que Chico Buarque procedeu a fim de comprimir a longa história de uma família e sintetizá-la no discurso do velho Eulálio. Os artifícios utilizados para elaborar essa trama concentram-se no manejo do tempo narrativo. O discurso constrói-se com fragmentos da vida do narrador, sem ordem cronológica, haja vista que a narrativa encena os acontecimentos conforme a memória os apresenta. Nota-se que boa parte dos fatos reportados convergem para a figura de Matilde, a esposa de Eulálio. Matilde é obsessivamente referenciada pelo narrador, funcionando como um eixo em torno do qual o sentido se organiza.

Matilde entra na narrativa por evocações de Eulálio: ela funciona como um centro, a partir do qual se organizam as lembranças do personagem e seu presente de velho abandonado. Não pensemos que tais evocações são melancólicas ou arrependidas. Eulálio recorda-se da esposa à maneira de um bem material perdido. Pode-se afirmar que Eulálio se coloca num patamar superior aos demais e não larga esse lugar em nenhum momento do discurso. Ele é elite e não abandona esse posto, mesmo num momento de degradação extrema e abandono a que é submetido no corredor do hospital. Matilde, de pele escura, filha “moreninha” com “irmãs branquinhas”, resultado de uma aventura amorosa de seu pai deputado, é descrita como uma mulher que gosta de samba, de maxixe, de cores e maquiagens nada discretas. A respeito de Matilde, assim se pronuncia o narrador: “Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha das congregadas marianas que cantavam na missa de meu pai” (BUARQUE, 2009, p.20)¹.

Arranha algum francês e não toca músicas eruditas ao piano. Essas informações são passadas pelo narrador, que as coloca em plano negativo, como a fazer de Matilde seu contraponto, seu oposto em termos de cultura e comportamento social, mas, paradoxalmente, seu polo de atração. A mãe do narrador reproduz um pensamento preconceituoso, que julga Matilde por critérios étnicos: de saída me perguntou se por acaso a menina não tinha cheiro de corpo” (p.20), atribuindo o “cheiro de corpo” à pele de Matilde, “quase castanha”.

Matilde é “popular”, e esse termo, para Eulálio, reveste-se de caráter bastante pejorativo. Para o personagem, cujo discurso procura reforçar sua aura de erudição, o popular representado por Matilde é visto como um mal a ser extirpado, algo que invade a elite em virtude dos encontros fortuitos de seus membros com gente de outra laia, resultado de intercursos vergonhosos. Matilde é filha de alguma nortista, baiana, com quem seu pai se relacionara. É “gente do Norte”, conforme os pais de Eulálio costumavam referir-se aos nordestinos.

O personagem narrador reproduz e amplia uma série de preconceitos enraizados no seio de sua família, porém essas operações são construídas de modo hábil e sutil pelo autor. Eulálio reitera não ser preconceituoso, pois desde sua infância fora acostumado a conviver com “gente de cor”. Faz uma *mea culpa* na maca do hospital, reconhecendo que naquela situação todos estão sofrendo, porém, ele pode compreender até mesmo esse sofrimento, já que seus colegas de infortúnio são descendentes de africanos. A figura do avô abolicionista entra em cena: o avô gostaria de mandar todos os negros de volta a África, para que eles não ficassem desocupados no Brasil. São patentes as intenções politicamente corretas de Eulálio. Seu discurso positiva a convivência com o negro, o mulato, o “castanho”, mas seus atos rememorados deixam entrever no presente da enunciação quanto de ironia e hipocrisia há em suas palavras. Leiam-se, a fim de comprovar essa assertiva, alguns trechos do capítulo IV de Leite Derramado: “Você me olha assim como eu na fazenda olhava um sapo, horas e horas estático, fito a fito no sapo velho, para poder variar os pensamentos. Durante um período, para você ter uma ideia, encasquei que precisava enrabar o Balbino” (p.19).

Eulálio quer estender o seu poder sobre o corpo e desejo do outro. Não importa a vontade de Balbino. O narrador deseja exercer seu controle sobre o mais fraco, daí a necessidade de “enrabar” Balbino. Note-se que a questão aqui não é simplesmente sexual, é sobretudo de demarcação de espaços e reconhecimento de quem manda mais. Observe-se ainda a alteração de registro: a dicção narrativa prima por uma linguagem, em geral, escurreita, mas em momentos de tensão, seu narrador adota expressões vulgares, como a

¹ De agora em diante, as referências à obra *Leite derramado* serão realizadas por meio da indicação do número da página entre parênteses.

tentar provar que sua linguagem, tão bem elaborada, pode “descer” o nível quando ele aborda assuntos considerados inferiores, isso em sua perspectiva elitista. Para Eulálio, conforme nossa leitura aponta, o mito do Brasil miscigenado e harmônico existe, ele até reforça isso em seu discurso, no entanto, paradoxalmente, seu discurso é a própria crítica a essa ideia, pois expõe a hipocrisia da perfeita convivência entre diferenças no Brasil: o discurso incentiva, mas ao mesmo tempo rasura e mostra como esse mito está arquitetado sobre hipócritas jogos de poder: “Só me faltava ousadia para a abordagem decisiva, e cheguei a ensaiar umas conversas de tradição senhorial, direito de primícias, ponderações tão acima de seu entendimento, que ele já cederia sem delongas” (p.20).

O narrador salienta no excerto acima seu direito de “senhor”, portanto de dono. Herdeiro de uma tradição em processo de falência, mas que não quer largar nem o poder que exerce sobre o corpo de terceiros, Eulálio ainda se preocupa em não ser tachado como racista:

Muitos de vocês, se não todos aqui, têm ascendentes escravos, por isso afirmo com orgulho que meu avô foi um grande benfeitor da raça negra [...] Creiam que ele visitou a África em mil oitocentos e lá vai fumaça, sonhando fundar uma nova nação para os ancestrais de vocês [...] E após um acerto de parceria com os colonizadores ingleses, meu avô lançou no Brasil uma campanha para a fundação da Nova Libéria (p.50-51).

Nesse recorte, surge a preocupação do personagem em não ser classificado como racista, sua justificativa é bastante reacionária e tem um sabor de um Brasil bem colonial ou mesmo de um Brasil obsessivo com o politicamente correto: como sempre tivera contato com negros, Eulálio considera-se bastante “flexível”, como se este fosse um sinal evolutivo, uma abertura da casa-grande que, por ser condescendente com seus escravos, é considerada bondosa. É a perspectiva do senhor colonialista, do invasor, da casa-grande, saudosa de sua senzala. Depois o dominador se revela, quando afirma que gostaria de ter “enrabado” Balbino, o negro que ficara de herança para a família. Essa aguda ironia metaforiza a imagem de uma elite que se ressentida de não mais poder manipular o poder conforme sua vontade individual.

4 Eulálio – Metáfora do Brasil magoado

A fala de Eulálio é toda eivada por um quê saudosista: saudade do domínio, da falta de mobilidade social, da taxaço dos seres pela sua etnia, de sua reificação. Ele ainda é o senhor da casa grande que enuncia suas verdades e seu poderio simbólico. Resquícios dessa forma de pensar a sociedade brasileira ainda persistem entre nós e é sintomático Chico Buarque ter construído justamente um personagem oriundo da elite e ter colocado em sua voz essas ideias que se derramam, à maneira de um líquido inútil que, uma vez vertido, perde sua importância.

Sintomático de que essas estruturas arcaicas, embora desgastadas, permanecem firmes no imaginário de nossa “elite”. Embora desenvolvido, industrializado, modernizado, o Brasil do século XXI conversa estruturas engessadas pelo passado colonial, estruturas de poder arcaicas, patriarcais e machistas. Não é por acaso que nosso narrador é um senhor centenário. Ele viveu um século no Brasil: assistiu as mudanças sociais, mas seu âmagos permanece inalterado, conservados nas águas de um poder que apenas espera sua chance para eclodir. Seria Eulálio metáfora do Brasil elitista? O Brasil que agora se ressentida de não ter mais os mesmos benefícios? O Brasil que precisa engolir com gosto amargo que a mobilidade social finalmente existe e é concreta? Se formos por essa linha de leitura, podemos enquadrar Chico Buarque como um ficcionista e pensador que se debruça sobre o país em crise para tentar entendê-lo, como se perguntasse: a quantas anda o meu país? Ninguém melhor para falar do país, ao passo que fala sobre si, que um senhor de idade, um senhor que viu o desfilar tumultuado de todo um século, mas que somente conseguiu extrair desse sumo um sabor

azedo, um sabor de resto. É o que sobra para Eulálio/Brasil/ Elite: um resto amargo, de um país eivado de contradições, mas que, pela primeira vez, tenta se modernizar socialmente, de modo substancial.

Nessa complexa equação, nos cabe perguntar: quem é Eulálio? Quem é este narrador da decadência que não reconhece sua própria consciência de fracasso histórico? Eulálio não é um suburbano, não é um intelectual combativo, não é um artista. É um remanescente de uma aristocracia decadente, cuja falência se dá ao longo dos séculos e atinge seu ápice com o bisneto traficante. As moedas de troca para a inserção na sociedade brasileira mudam conforme o tempo. Antes, o café. Agora, a cocaína. Do café ao pó, *Leite derramado* cartografa os sintomas de uma classe social em crise de poder, em abstinência de mandos e desmandos. A obra funciona como um interessante mapa que relê as margens a partir de um centro a definir. Um centro que se marginaliza, um rei deposto, com um cetro de brinquedo, mandando em súditos que não existem.

A percepção da realidade construída pelo narrador Eulálio desenvolve-se para longe de questões como a aguda percepção de problemas dos mais pobres. Eulálio percebe a si e se amarra à ilusão da mulher amada que jamais voltará. Desse modo, sua vida pode ser equacionada como um grande vazio de alguém que não soube como preencher a própria existência, pois sobrenomes, títulos e heranças não foram suficientes para aplacar a pulsão da casa grande. Eulálio tem uma percepção crítica aguçada de suas próprias questões. A bolsa quebra, sua família perde bens, ele procura ocupar o lugar que antes fora do seu pai, como se não precisasse para a realização desse intento de nenhum tipo de esforço, apenas o sentido de continuidade, descartando os eventuais processos sociais transcorridos entre um momento e outro. É essa continuidade, esse poder vitalício que sofre um baque ao longo da narrativa, mas o próprio personagem passa ao largo da crise, ou melhor, o efeito narrativo que seu discurso nos oferece é o de que ele é expectador da própria história, e não agente. Sua família empobrece, mas ele recorre à mãe, cuja família tem posses. A mulher o abandona, e Eulálio procura outras mulheres ou mesmo nenhuma a fim de cultivar a dor em banho maria. O marido da filha, italiano, o engana, porém, para o personagem, esse é apenas mais um contratempo, pois ele é elite e nada consegue atingi-lo diretamente, não importa o que aconteça. Seu *status* é abalado, no entanto, sua essência aristocrática permanece intacta. Muito embora reconheça a decadência, Eulálio não abre mão da possibilidade de uma reviravolta, em geral relacionada a altos ganhos monetários ou ao reconhecimento de sua erudição e linhagem pela audiência.

Por falar em audiência, supõe-se que o longo monólogo é contado, na esfera interna do texto, às enfermeiras que circulam no hospital e que servem, na imaginação do narrador, de escribas para as suas memórias. Mesmo numa fase crítica, Eulálio ainda cultiva a ilusão de que todos existem para servi-lo. Que lugar esse personagem ocuparia no tabuleiro social do Brasil de meados do século XX? Ele funciona como a descendência de um pai conhecido pelas manobras políticas e, principalmente, por escândalos amorosos. No entanto, não consegue ocupar o lugar paterno, pois este lugar torna-se falho. Eulálio não enriquece, ele dissipa a fortuna da família, funcionando como um parasita, que pode representar boa parte da elite brasileira em decadência: sem profissão definida e mantendo a pose com base no passado familiar supostamente grandioso, que rende dividendos séculos depois. Entretanto, o efeito da aristocracia portentosa não dura eternamente, conforme se atesta neste excerto: “Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós” (p.50).

Os valores que investem um sujeito de importância na esfera social mudam. E é essa mudança de valores que o narrador não consegue acompanhar, por estar preso entre os

escombros de sua memória, amarrado à ilusão de um passado de riquezas, que encobre trocas comerciais e compra de títulos. A descrição das riquezas paternas e maternas tem um quê de humorístico, pois o narrador faz desfilar posses as mais diversas, um discurso que exalta consumismo e estabelecimento financeiro custe o que custar, não importando os meios, porém no presente da enunciação toda a riqueza foi reduzida a nada, restando a Eulálio seu discurso inflamado para preservar textualmente uma vida que se esvai de forma inevitável.

Uma lembrança puxa a outra. O tempo não é cronológico. Não se pode afirmar que *Leite Derramado* é uma obra caótica. A memória, consoante afirma o narrador, é uma “vasta ferida” (p.10), mas passível de organização. E o que vemos no romance é essa organização formal e linguística de uma série de lembranças, elencadas pela importância que tiveram na vida do personagem, uma metáfora do Brasil do começo do século XXI. A família anda em círculos, as histórias se repetem, mudando apenas os atores e o cenário. Amargura é o que fica deste romance, da fala de um velho em decadência que não se arrepende e morre nos braços gélidos de uma tradição defunta, mas que ainda ressoa em nosso meio, como um fantasma vingativo sempre a postos para usar suas pesadas correntes como armas apontadas para o povo.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. “Crítica e sociologia”. In: *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p.13-26.

HOLANDA, Chico Buarque de. *Leite derramado*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.